

O Livro Impresso e as Primeiras Oficinas Tipográficas em Portugal

1. Introdução:

Tema central: Da evolução do livro e das tecnologias envolvidas neste processo, da criação do livro impresso e dos primeiros impressores em Portugal.

2. O livro impresso: uma breve história

Produto de processos tecnológicos, o livro impresso é resultado de uma constante busca pela melhoria:

- da conservação da informação (conhecimento adquirido pela humanidade);
- do seu manuseio (transportável);
- da circulação, e da produção de objetos depositários dessas informações, ou seja, de suportes.

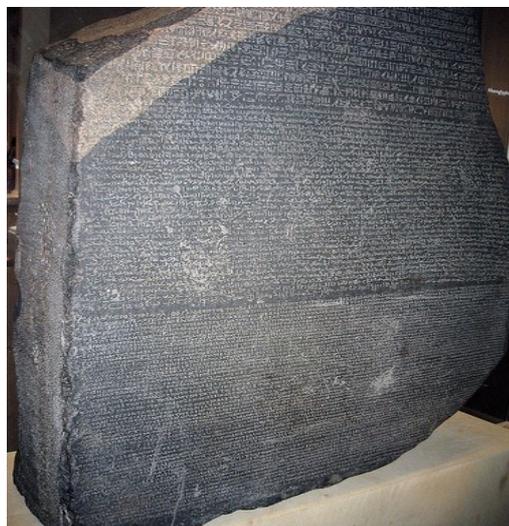
2.1. Precusores do livro impresso: “A pré-história do livro”

Anselmo, Artur 1991:09

“O livro é uma consequência da simbolização e da representação linguística, mas não prescinde de um código escrito, capaz de reproduzir com estabilidade o pensamento e a articulação. Se bem que o conceito de livro ande tradicionalmente ligado a um tipo de suporte – papiro, pergaminho ou papel, por exemplo -, nada impede que a longa história do livro inclua experiências com outros materiais, como placa de argila cozida, utilizada na Mesopotâmia, desde o II milênio a.C., para suporte da escrita cuneiforme. [...] antepassados das folhas do livro, os tijolos sumérios, acádicos, babilônicos e assírios.”

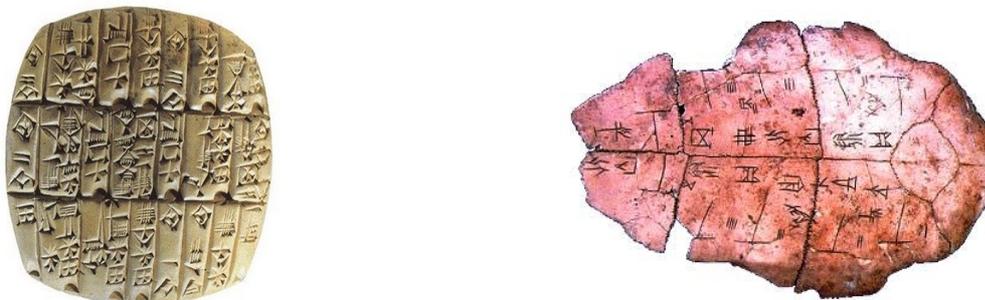
- **Os Monumentos - Suportes não transportáveis: Escritas monumentais –**

Figura 02: Pedra de Roseta - British Museum



- **As Tabuletas de argila, pedra e madeira - Suportes transportáveis:** Escritas em tabuletas de argila ou de pedra, tábuas, ossos, casco de tartaruga.

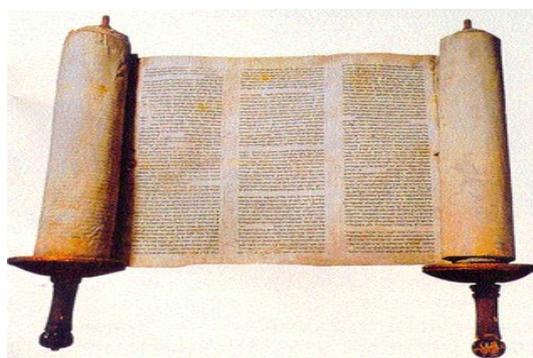
Figura 03: Tábua de argila com escrita cuneiforme e casco de tartaruga com escrita chinesa antiga



- **O Livro Antigo - Manuscritos em Papiro:**

O Livro Romano: O Volume - Os papiros egípcios, suporte incomparavelmente mais prático e transportável que os suportes anteriores, embora bastante perecível. Utilizado em folhas e em forma de rolos. Além do Egito, na Grécia e em Roma Antiga usava-se o papiro como suporte de escrita. Depois difundido pela Europa, o uso do papiro só veio a desaparecer no séc. X da Era Cristã. O livro grego – *kylyndros* - e livro romano – *uolumen*, era composto de folhas de papiro enrolada em cilindros de cedro ou de marfim – *umbilicus* - tornando assim o livro facilmente transportável em caixas cilíndricas.

Figura 04: Kilyndros ou uolumen



Os Manuscritos em Papiro:

Figura 05: Papiro egípcio datado de 1160 a.C.



Figura 06: Fragmentos de São João – Papiro P52

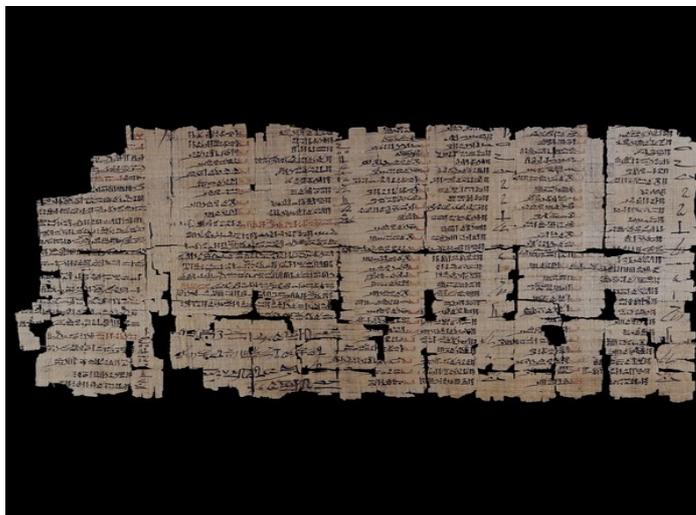


<http://www.library.manchester.ac.uk/deansgate/>

O Papyrus P52 da Biblioteca de Rylands, conhecido como o fragmento de São João, é um fragmento de papiro exposto na Biblioteca de John Rylands, Manchester, Reino Unido.

Escrito em Grego, o papiro contém parte do Evangelho segundo João, sendo que na frente contém partes do capítulo 18 e versículos 31-33, e no verso, os versículos 37-38.

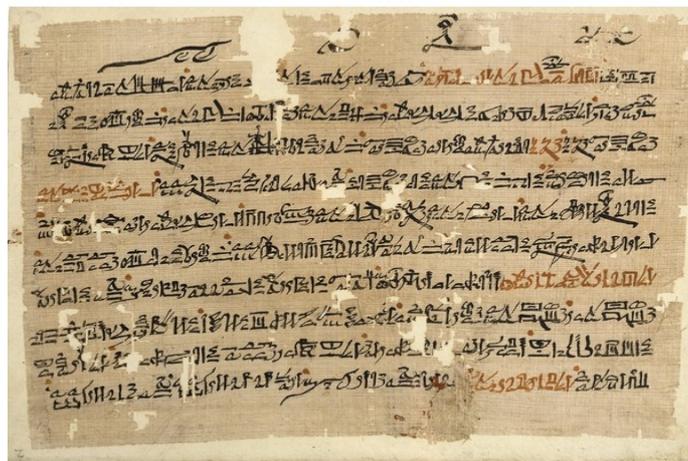
Figura 07: The Dream Book – datado por volta de 1275 a.C



The Dream Book - From Deir el-Medina, Egypt, 19th Dynasty, around 1275 BC

O Papyrus giving a list of dreams and their interpretations
The British Museum - <http://www.britishmuseum.org>

Figura 08: Papiro com um poema clássico – datado de 1204 a.C



<http://www.britishmuseum.org>

A poem on papyrus - Probably from Memphis,
Egypt, 19th Dynasty, 1204 BC
The British Museum

O manuscrito está escrito em hierático,
uma forma cursiva da escrita hieroglífica.
Trata-se de uma cópia de um poema clássico
The Teaching of King Amenemhat I.

○ **O Livro Medieval: Os manuscritos em pergaminho - Os Códices Medievais**

O pergaminho vai surgir por volta de 500 a.C. e depois do séc. IV d.C (era cristã) torna-se o principal suporte para a escrita de textos. As vantagens do pergaminho em relação ao papiro:

- Mais resistente e sólido (não desmancha com a umidade);
- Recebia a escrita nos dois lados;
- Permitia a confecção de livros em rolos e também em um conjunto de folhas distintas costuradas – Códices ou livros quadrados.

Palimpsestos – pergaminhos já escritos que foram raspados para serem reutilizados. Utilizava “principalmente nos conventos medievais” durante os séculos VII e VIII.

Figura 09: Manuscrito em Pergaminho - datado da 2 metade do séc. IX



Altercatio contra Arrium. Epistola adversus Luciferianum hereticum. Abbaye St. Gallen

Parchemin · 170 pp. · 27.5 x 19-19.5 cm · 2e moitié du IXe siècle (?)

Bibliothèque / Collection: Stiftsbibliothek; Cote: Cod. Sang. 90

<http://www.e-codices.unifr.ch/fr/list/one/csg/0090>

- “Revolução” tecnológica e cultural:
 - **Criação de novos espaços de escrita: Scriptorium** - Conventos Medievais, como lugar de produção dos livros manuscritos, que representam a principal garantia de conservação e divulgação do conhecimento (religioso e profano), da cultura. Principais locais de irradiação da cultura monástica em Portugal: **Convento de Santa Cruz de Coimbra**, **Mosteiro beneditino de São Mamede de Lorvão** (séc. XI passa para a Ordem de Cister)- seu acervo se encontra atualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo- o *Apocalipse*¹, o *Missal* e *O Livro das Aves*, e **Abadia de Santa Maria de Alcobaça** (seu *scriptorium* foi fundado no séc. XII) – a maioria de seu acervo se encontra na BN.
 - **Novos personagens:** O escriba passa a ser substituído pelos os monges copistas. Outras figuras surgem, além do copista: tradutores, calígrafos, decoradores e iluminadores. Aparece a figura do revisor que conferia o traslado com o original;
 - **Novas tecnologias: Maior requinte dos livros** – Aumento do tamanho das letras iniciais com mais enfeites e mais colorido; margens com ornamentos e

¹O nome de Egeas ou Egas surge como o principal iluminador do chamado Apocalipse de Lorvão em fins do século XII.

cercaduras; as iluminuras (ou miniaturas) – uma inovação.

Anselmo, Artur 1991:13

“Inicialmente, os textos eram simples e os livros tinham reduzida circulação, mas à medida que aumentou a procura, os copistas começaram a tirar partido da crescente popularidade do livro e a requintar o seu trabalho: primeiro, aumentaram o tamanho das letras iniciais, colorindo-as e enfeitando-as nas extremidades; depois, espalharam nas margens das páginas outros ornatos e cercaduras; finalmente, introduziram no livro a inovação da iluminura (ou miniatura).”

Figura 10: O Livro das horas : páginas mais ornamentadas e coloridas



Página do Livro das Horas

Adoração dos Reis Magos ou Epifania, in Livro de Horas, 66

Torre do Tombo On line – <http://ttonline.dgarq.gov.pt>

Coleção thesouras

TES04\TT-CF130_66_c0003.jpg

O MANUSCRITO MAIS BELO DO MUNDO

O manuscrito considerado o mais belo do mundo é o *Livro de Kells – The Book of Kells* - manuscrito irlandês (MS 58) datado por volta do ano 800, que se encontra na *Old Library of Trinity College Dublin*. Este manuscrito contém os evangelhos de S. Marcos, S. Mateus, S. Lucas e S. João.

Figura 11: O livro de Kells – The book of Kells



The Book of Kells (Gospel book, c. 800) - The Old Library at Trinity College Dublin

<http://www.tcd.ie/Library/bookofkells/book-of-kells/>

o **O Livro impresso:**

Os livros xilográficos ou livros tabulares - Bíblia Pauperium, o Espelho da Salvação Humana, a Arte de bem morrer (“Ars moriendi”) e os Donatos (manuais escolares), calendários. Xilogravura vem do grego *xylon* (madeira) e *graphein* (escrever). É o processo pelo qual os textos e gravuras são impressos através da gravação em pranchas de madeira.

- **Bíblia pauperum ou Bíblia dos pobres:** um dos primeiros livros xilografados e, certamente, também um dos mais conhecidos. Consistia de 40 quadros, ilustrando conhecimentos da vida de Cristo e cenas do Antigo Testamento; desta forma, foram feitas perto de onze edições.

Figura 12: A Bíblia Pauperum ou Bíblia dos pobres



2.2. A invenção da imprensa de tipos móveis - Johannes Gutenberg (1400–1469)

A criação e utilização dos tipos móveis possibilitou uma verdadeira revolução na arte da impressão. Os tipos móveis de chumbo, antimônio e estanho permitiram uma maior mobilidade na impressão, diminuindo os custos, uma vez que se podiam desmontar as matrizes (pranchas) para a composição de novos textos, sem perda do material. O papel e os tipos móveis permitiram uma maior durabilidade e circulação dos textos.

Figura 13: A prensa de tipos móveis antiga



*Book printing workshop, ca. 1800 (after Gutenberg)
Museu de Munique - <http://www.deutsches-museum.de>*

Figura 14 e 15 : A bíblia de Gutenberg - Museu de Munique - <http://www.deutsches-museum.de>

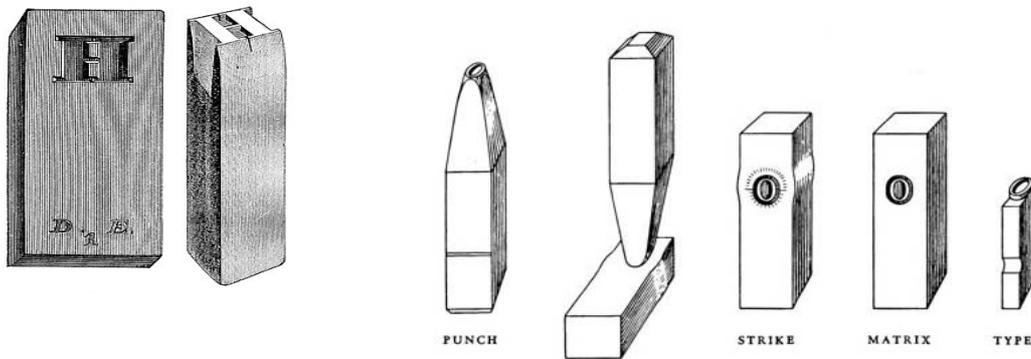


Figura 16.b: Caixas de letras (Caixotim) e Blocos de textos



<http://www.tipografos.net/historia>

- **Os incunábulos - os primeiros livros impressos** - Os incunábulos – livros impressos até 1500.

Além da Bíblia de Gutenberg, temos a Bíblia Germânica de Nuremberg: The Nuremberg Bible, impressa por Anton Koberger (Alemanha, 1471–1505), 14 April 1478.

Figura 17: A Bíblia latina de Nuremberg (1478)



Biblia Germanica. Nuremberg, A. Koberger, 1483 - Genesis
 Library Research Institute Publishing House On-line Exhibitions
http://www.ritmanlibrary.nl/c/p/exh/cre/cre_gen_12.html

3. A Imprensa em Portugal : Origens da edições impressas

3.1. Os livreiros – Primórdios das Oficinas de tipografia e impressão.

Mesmo antes da invenção da imprensa de tipos móveis, com a criação das universidades, a partir do séc. XIII, novos espaços de armazenamento e circulação de livros passaram a existir, além dos mosteiros e abadias: **As bibliotecas universitárias.** A Sorbonne tinha, em 1290, um acervo de mais de 1.000 volumes.

Este fato é importante porque nos mostra *um movimento para fora dos conventos religiosos*, que juntamente com o advento da impressão de livros em papel, modifica a história das edições de textos. Abre-se outras oportunidades de impressão e com elas novas soluções para os “velhos problemas”: que tipos de textos deveriam agora ser impressos, onde guardá-los e que público passa a ter acesso a esses textos. Altera-se assim, as formas de publicação. Começa-se a ter a consciência da necessidade de se conservar em condições adequadas, o acervo manuscrito e impresso da Casa Real e dos Conventos.

Em Portugal – séc. XV – documenta-se a formação das primeiras bibliotecas da Corte; as bibliotecas particulares de D. Duarte e D. Fernando, que nos permitiram através de seus catálogos conhecer uma boa parte dos manuscritos existentes na época. Ex. Havia duas versões do manuscrito *Marco Paulo*, uma em latim e outra em “*linguagem*” que formavam um só volume. No Reinado de D. Afonso V – organizou-se o Paço Real da Alcáçova em Lisboa – núcleo da futura Livraria Real.

Mesmo antes da Casas de impressas, já se tinha conhecimento de estabelecimentos artesanais de confecção de livros (fora dos conventos) e do comércio de livros por livreiros particulares. É o caso

de João Tomé, encadernador alemão que recebeu uma carta-privilégio de D. Afonso V para se estabelecer na cidade do Porto e trabalhar com manuscritos. Esses são os primórdios da Oficinas de tipografia e de impressão. As tipografias passam agora a ser novos instrumentos de comunicação a serviço da administração e repressão real. Destaca-se a importância da fabricação do papel, suporte extremamente mais vantajoso do que o pergaminho, que passa a ter uma grande importância “*no circuito básico da produção de instrumentos de cultura, informação e transmissão de conhecimentos*” [Anselmo, 1991, pp. 93-95].

- **Primeiros proto tipógrafos em Portugal**

Os livreiros:

1481 - Com a vulgarização da imprensa de caracteres móveis na Europa, chegam a Lisboa três livreiros franceses que pretendem importar e vender “livros de fôrma” [Anselmo, 1991, p.86].

São os irmãos Guilherme e Francisco de Montrete e um companheiro de nome Guido.

1499 – Aparece pela primeira vez o título profissional de **livreiro** – para **Martim Vaz** (Lisboa).

3.2. Primeiros Impressores em Portugal

3.2.1 As oficinas de judeus (1487 – 1496) - Os primeiros impressores em Portugal são de origem judaica. Os primeiros incunábulos impressos em Portugal saíram de **três oficinas judaicas** – de **Samuel Gacon** em Faro; de **Eliezer Toledano** em Lisboa; e de **Abraão ben Samuel Zacuto** em Leiria - e foram compostos em hebraico. Eram textos bíblicos, comentários do Pentateuco ou do Talmud, livros-de-horas, noções de liturgia das sinagogas (livros de utilidade prática dentro das comunidades judaicas). Este trabalho contribuiu para um avanço multicultural. Em 1496, D. Manuel I expulsa os judeus de Portugal e em 1497 proíbe-se as impressões em caracteres hebraicos.

- **Os primeiros incunábulos impressos em território português:**

Samuel Gacon - 1487 – o Pentateuco da Oficina de Samuel Gacon em Faro

Figura 18: O Pentateuco de Gacon (1487) - <http://www.tipografos.net/historia/gacon.html>



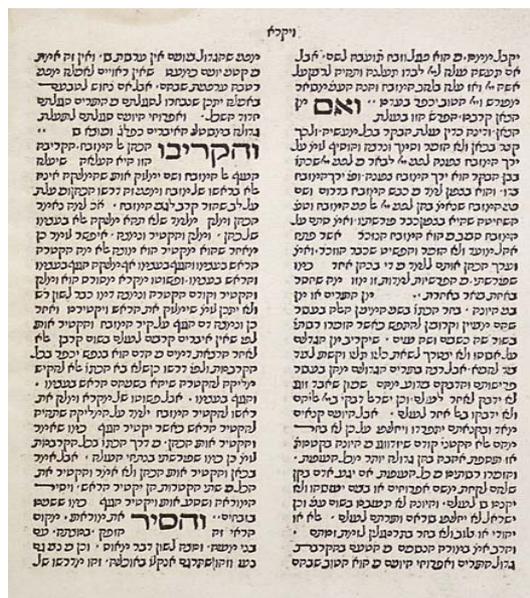
O Pentateuco de Gacon foi concluído em 30 de Junho de 1487.

Trata-se de um impressão em 110 fólhos, com composição de 30 – 32 linhas.

Atualmente, pertence a Giuseppe Almanzi's library.

Eliezer Toledano (Escolástico de Toledo) - 1489 - As Novas da Lei ou Comentário ao Pentateuco (Hiddushe ha-Torah, de Moses ben Nahman (1194 - c.1270) impresso em sua Oficina em Lisboa.

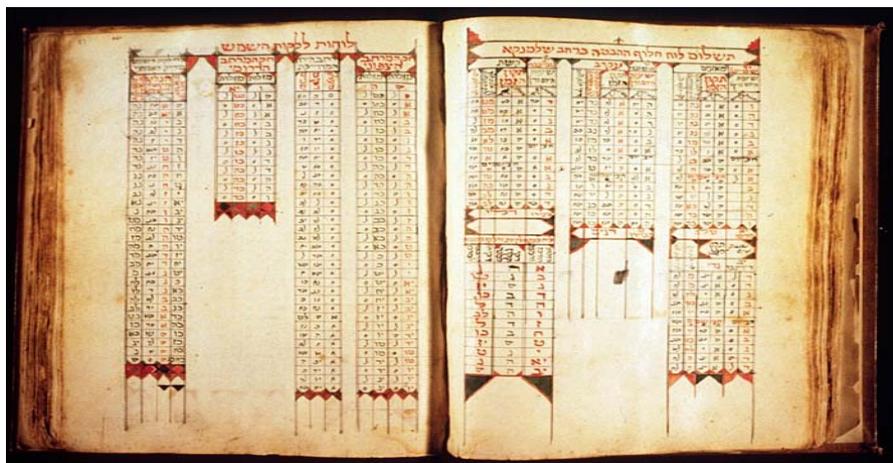
Figura 19: Página das Novas Leis ou Comentário ao pentateuco (1489)-
<http://www.tipografos.net/historia/elisier-toledano.html>



Abraão ben Samuel Zacuto (1450-1522) - o *Almanach perpetuum* impresso em 1496 em

Leiria

Figura 20: Página do *Almanach perpetuum* (1496) - As tabelas de Zacuto para a declinação do sol, produzidas em 1473-1478.



<http://www.tipografos.net/historia/zacuto.html>

3.2.2 As oficinas Cristãs - Surgem também as oficinas de impressão cristã, onde se imprimia em latim e em português, obras de cunho religiosos e profanos.

Anselmo, 1991: 99

“Entre os dezassete incunábulo de inspiração cristã, impressos em Portugal, contam-se dez textos religiosos católicos e sete de literatura profana. [...] Podem distinguir-se aqui duas grandes linhas diretrizes: uma, mais geral, destinada à formação quotidiana dos padres e dos fiéis; a outra, correspondendo a uma iniciativa episcopal para colmatar a falta de livros litúrgicos nas dioceses, devido à raridade e ao preço elevado dos manuscritos. É na primeira, mais popular, que naturalmente se incluem os livros “em linguagem”, tais como o *Tratado de Confissão*, o *Sacramental*, um certificado de indulgências, a *Vita Christi*, as *Constituições de Dom Diogo de Sousa* e os *Evangelhos e Epístolas*; a segunda, destinada a um público mais restrito, inclui os livros em latim, como o *Breviarium Bracharense*, o *Breviarium Compostellanum*, o *Missal Bracharense*.”

Oficina de Valentim Fernandes da Morávia - Impressor alemão estabelecido em Lisboa, obteve privilégios de impressão em Portugal a partir de 1495, serviu a rainha Dona Leonor, viúva de João II, de quem foi escudeiro. Hoje conhecemos **18 livros** por ele impressos, 6 dos quais foram produzidos no século XV, entre eles: o **Sacramental**, o **Tratado de Confissão - datado de 1489** e **Vita Christi – obra prima de 1495**. Com oficina tipográfica em Lisboa, Valentim Fernandes foi o primeiro a imprimir livros ilustrados em Portugal. Trabalhou ao lado de outro impressor alemão **Nicolau de Saxônia**.

A. Sacramental (Chaves, 1488), de Clemente Sánchez de Vercial – considerado por alguns autores como o primeiro incunábulo em português. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui a primeira versão portuguesa impressa desse texto. Segundo, Francisco Freire de Carvalho (1845) é uma edição anterior aos incunábulo **Tratado de Confissão**, datado de 1489 e **Vita Christi**, de 1495.

Existe uma versão digitalizada desse texto, impressa em 1539 na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no seguinte endereço: http://bibliotecadigital.fl.ul.pt/ULFL037753/ULFL037753_item1/

B. Tratado de Confissom (Chaves, 1489) – Manual impresso para instrução do clero na tarefa de ministrar o sacramento da penitência aos fiéis cristãos. De autor desconhecido, devido ao fato do único exemplar existente (Biblioteca Nacional de Lisboa) está faltando a a página de rosto. Foi impresso em Chaves em agosto de 1489, foi descoberto em 1965 por Pina Martins, que o publicou em edição dipomática em 1973 com um estudo introdutório. A sua importância está no fato de ter sido considerado algum tempo «o primeiro livro impresso em língua portuguesa» conhecido.

C. Vita Christi, 1495 - um dos mais importantes incunábulo Impressos em Portugal. Em quatro partes in-folio impressas em Lisboa, em 1495, por ordem e a expensas do rei João II e de D. Leonor, é considerado o terceiro incunábulo português, depois do Sacramental e do Tratado de Confissom (Chaves, 1489), — e o primeiro livro ilustrado impresso em Portugal. A impressão foi executada em parceria com Nicolau da Saxônia.

Figura 21: *Tratado de Confissom (1489) e Vita Christi (1495)*

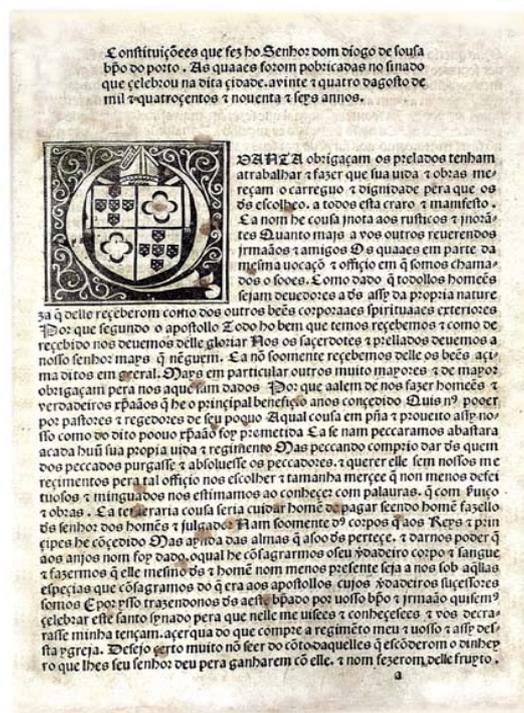




3.2.3 Primeiro Impressor Português – Rodrigo Álvares

Antes de 1497, não se tem notícia de impressores portugueses. Mas é evidente que nos ambientes das oficinas havia artesãos portugueses trabalhando, uma vez que somente os mestres assinavam as obras impressas. O primeiro mestre português que se tem notícia é **Rodrigo Álvares**. De sua oficina são conhecidas duas obras: *As Constituições que fez ho Senhor dom Diogo de Sousa e Os Evangelhos e Epístolas com suas exposições em romance*. Ambas obras foram impressas em 1497.

Figura 22: *As Constituições que fez ho Senhor Dom Diogo de Sousa* (1497)



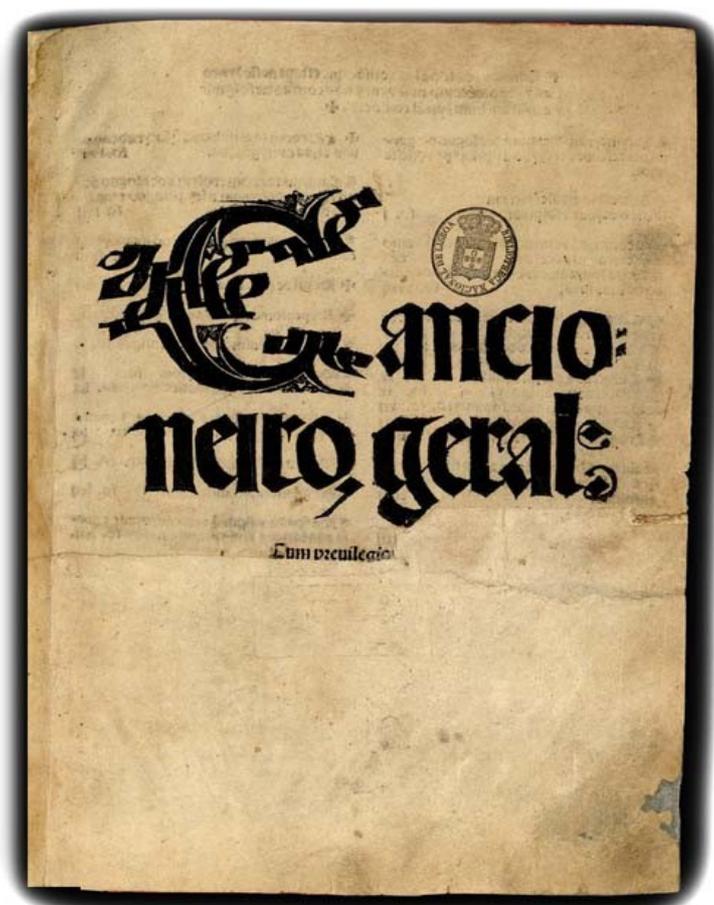
3.2.3.1. Outros Impressores em Portugal - Séculos XV e XVI

A. João Pedro Buonhomini, conhecido como **João Pedro de Cremona** (séc. XV, XVI) - italiano, instalou oficina tipográfica em Portugal a partir de 1501. Trabalhou alguma svezes, em parceria com Valentim Fernandes. Imprimiu em Portugal até 1517.

B. Jacobo Cromberger (séc. XVI), trabalhou em Sevilha, mas prestou serviços em Portugal. Entre 1502 e 1528, imprimiu alguns dos mais belos livros impressos em Espanha. Em 1508 recebe uma carta-privilégio de D. Manuel I para trabalhar no país. Trabalhou em Évora e em Lisboa, cidade onde virá a falecer em 1528. Cromberger imprimiu **uma versão revista das Ordenações**.

C. Hermann von Kempen (Hermão de Campos) - alemão, estabeleceu-se em Setúbal em 1509, imprimindo os **Estatutos da Ordem de Santiago**. Em parceria com Valentim Fernandes, imprime **Ho compromisso e regimento dos officiaes da sancta confraria da Mesericordia** e em 1513, os **Flores Sanctorum**. Em 1515, imprime a obra **Bosco Deleytoso Solitario** e em 1516, segue-se o **Cancioneiro geral**.

Figura 23: O Cancioneiro Geral impresso na oficina de Hermão de Campos



O Cancioneiro geral: cum privilegio / [Foy ordenado e eme[n]dado por Garcia de Reesende fidalguo da casa del Rey nosso senhor e escriuam da fazenda do principe]. - Almeyrym e acabouse na muyto nobre e sempre leall cidade de Lixboa : per Hermã de Cãmpos, 28 Sete[m]bro 1516.

BNDigita - <http://purl.pt/12096/2/>

D. João Blávio - Joanes Bravio - (1554 – 1563) - Impressor alemão, se estabeleceu em Lisboa, onde foi Impressor Régio de D. Sebastião. Imprimiu mais de 50 obras. Este foi o último dos impressores alemães que estabeleceram a Tipografia em Portugal.

E. German Gaillard (séc. XVI) - German Galharde ou Germão Galharte - Tipógrafo francês que se estabeleceu em Lisboa a partir de 1519, imprimiu em Lisboa e em Coimbra. German Gaillard adquiriu dos herdeiros de Valentim Fernandes o material tipográfico com que imprimiu em 1519, uma das suas primeiras edições, o **Missale secundum consuetudinem**. Em 1530 e 1531 foi impressor do Mosteiro de Santa Cruz. Em 1535 foi encarregado por Dionísio de Moraes pôr para funcionar a oficina tipográfica do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Em 1530 Gaillard foi distinguido por João III com os privilégios e liberdades dos «oficiais mecânicos» da Casa Real. **Em 1536, Galharde imprimiu a importante obra *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1507-1581)**. Desta obra existe um exemplar de grande raridade, comprado pela Biblioteca Nacional em 1867.

Figura 24: *Grammatica da lingoagem portuguesa de Fernão de Oliveira (1536)*



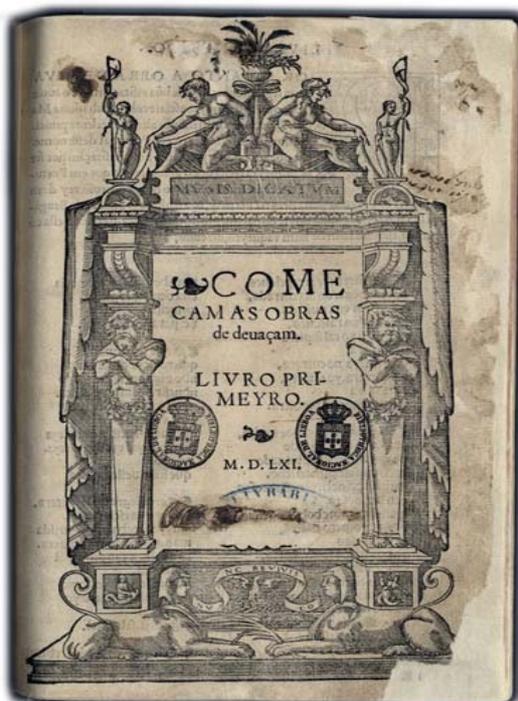
BN Digital - <http://purl.pt/120/3/>

F. João de Barreira - É o tipógrafo mais laborioso do século XVI são cerca de uma centena as obras impressas nos locais onde manteve a sua atividade: Braga, Coimbra e Lisboa.

G. João Álvares (? - 1586) - Impressor português, era natural de Salgueiro (Aveiro), exerceu o seu ofício em Lisboa, Braga e Coimbra, de 1542 até 1586, data de sua morte. Foi associado a João de Barreira, juntos tiveram o privilegio de serem impressores da Universidade de Coimbra. Em Lisboa,

imprimiu a primeira edição das obras de Gil Vicente.

Figura 25: Compilação de todas as obras de Gil Vicente (1562)



Copilacam de todas as obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco liuros.

BN Digital - <http://purl.pt/11494>

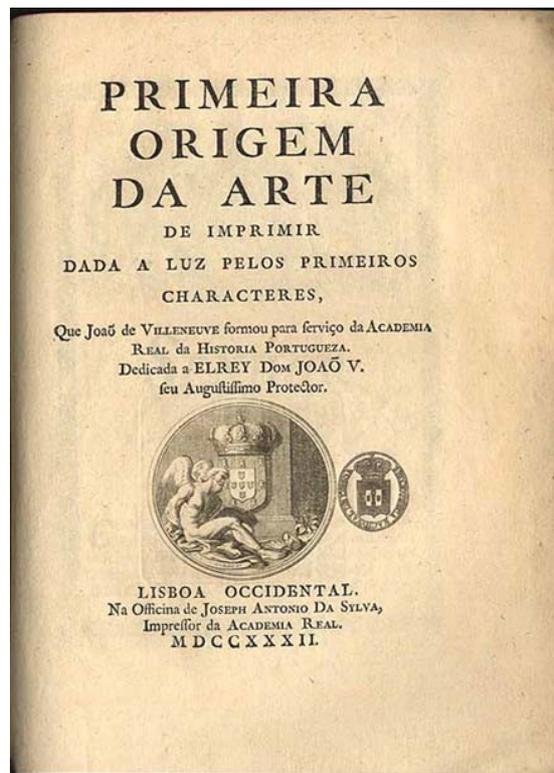
4. Século XVIII: O nascimento da Imprensa Régia – Portugal

4.1 Antecessores - A fábrica de matrizes tipográficas – Jean de Villeneuve - 1732

O francês Jean Villeneuve, gravador de punções e fundidor de tipos, foi o primeiro a fundir tipos em Portugal, que até aí tinham que ser importados do estrangeiro. Era o momento da **economia baseada no mercantilismo** (proteção da indústria nacional) que juntamente com **a necessidade de uma norma escrita nacional**, deu origem em 1732 a uma fábrica de matrizes e punções para caracteres de imprensa pelo francês Jean de Villeneuve, em Lisboa. Assim, a importação de tipos estrangeiros chegou a ser proibida, dando início a um protecionismo em relação à imprensa e a entrada de comerciantes e artífices europeus em Portugal (italianos e franceses), com o apoio do Governo.

Publicação da **Primeira origem da arte de imprimir dada à luz pelo primeiros caracteres (1732)**. Na **Officina de Joseph Antonio Da Sylva, Impressor da Academia Real**. **MDCCXXXII**.

Figura 26: Primeira Origem da arte de imprimir (1732)



O surgimento de fábricas de tipos nacionais traz à tona a necessidade de se fixar um código: uma ortografia e uma norma padrão. Era preciso também reger esta atividade, surge a necessidade de se criar uma oficina vinculada ao órgão central de poder, com o objetivo de reforçar e publicar esse poder, como verdadeiros elementos de difusão da norma gráfica e linguística da Corte.

4.2 Criação da Academia Real da História Portuguesa - 1720 - historiografia eclesiástica e secular.

É após a criação da Academia Real da História Portuguesa que surgem as primeiras impressões da maioria das crônicas dos reis de Portugal produzidas pelos principais cronistas (Fernão Lopes, Rui de Pina, Eanes Zurara). Com exceção da Crônica de D. João I, em 1644 e a de D. Afonso IV, em 1653. Ressalta -se assim o esforço da época para se “*levantar a Língua e a Historia Portugueza*” [Marquilhas, 1991, p. 19]. Era o espírito de veneração pelo fato histórico que dominava o ambiente de criação da Academia Real da História Portuguesa.

Rita Marquilhas, 1991: 19

“O espírito de veneração do facto histórico comprovado pela chancela do documento original, espírito que, forjado entre os membros da Academia Real da História, veio a dominar definitivamente o método dos historiadores da Academia de Ciências, esteve na origem daquilo a que se pode chamar o '*aparecimento da noção de espólio*'.”

4.3 Criação da Imprensa Régia

Em **24 de Dezembro de 1768** cria-se a Imprensa Régia, resultado de um conjunto de reformas com o objetivo de reorganizar o Estado em virtude de uma crise financeira que atingiu Portugal a partir

de 1760. Tinha por finalidade servir como instrumento de divulgação cultural. A fábrica de caracteres de Villeneuve foi “nacionalizada” ficando a cargo da Junta de Comércio. Antes da criação da Imprensa Régia, todos os documentos da chancelaria eram impressos em diferentes oficinas, após a criação da Imprensa Régia, houve uma concentração na tipografia oficial. A imprensa Régia permitiu também incluir outras oficinas de grande porte como a oficina de Miguel Manescal da Costa, o impressor do Santo Ofício, afim de tornar a Régia Oficina Tipográfica autossuficiente o bastante para ter a sua longevidade garantida.

Além de unificar as oficinas, a imprensa régia também era responsável pela formação profissionais, tais como de aprendizes de fundidor de caracteres, de abridor de estampas e de livreiro-encadernador. Seu papel inicial era de divulgação cultural, prestando serviços a preços especiais e tabelados para diversas instituições de ensino, inclusive a Universidade de Coimbra e o Real Colégio dos Nobres. Quando da sua criação a Imprensa Régia não funcionava como um instrumento de censura, mas em 1803, ela “*passou a ter o monopólio da imprensa periódica, e de todos e quaisquer papeis volantes*” [Marquilhas, 1991, p.13].

4.4. A primeira imprensa no Brasil (1747)

Foi a oficina tipográfica de **Antonio Isidoro da Fonseca**, considerado o primeiro impressor do Brasil.

“Antonio Isidoro da Fonseca, renomado impressor de Lisboa, chegou em 1747, responsável pela criação, no Rio de Janeiro, de uma oficina tipográfica da qual saíram, comprovadamente, três obras, dentre elas, a Relação da entrada [...], considerado este o primeiro livro impresso em território brasileiro. O curto período de funcionamento da oficina se deu nos primeiros meses de 1747, quando ainda era interdita no Brasil a atividade de imprensa. Na Oficina tipográfica de Isidoro da Fonseca foram ainda impressas outras duas obras antes que a Coroa portuguesa baixasse ordem para fechá-la.” [Laura Benseñor Lotufo, 2010 - <http://www.brasiliana.usp.br/node/734>].

Em 10 de maio de 1747 sai a ordem régia de D. João V no qual manda executar o sequestro de todas as letras de imprensa que se encontrassem no estado do Brasil, inviabilizando quaisquer licenças.

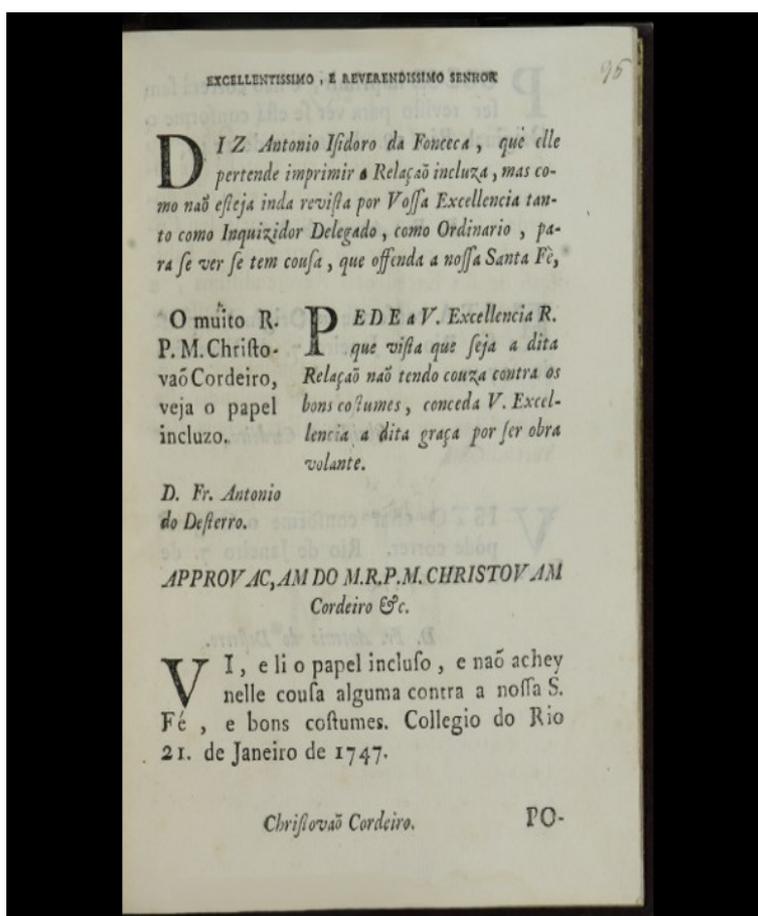
Curiosidades sobre esta impressão:

Na época em que foi impressa a Relação da entrada [...], era exigido que toda e qualquer obra impressa em território português, para que pudesse rodar em gráfica, obtivesse a autorização dos tradicionais órgãos civis e eclesiásticos de censura, sediados em Lisboa. Os originais deveriam ser enviados “às autoridades que avaliariam se esta apresentava qualquer posição “contra a Fé e os bons costumes”. Aprovado o original, seria permitida sua reprodução e, feita a impressão, era necessário remeter os exemplares às autoridades para sua conferência com o original. Somente assim, a obra obteria permissão para circular, contendo, necessariamente, a inscrição “*Com todas as licenças necessárias*.” [Laura Benseñor Lotufo, 2010 - <http://www.brasiliana.usp.br/node/734>].

Devido a proibição de se imprimir em território brasileiro a solução encontrada por Antonio

Isidoro da Fonseca foi omitir a necessidade de autorização das autoridades civis portuguesas. Sabe-se “que o autor mandou o original ao Padre Cristóvão Cordeiro o qual teria informado não encontrar coisa alguma contra a fé e os bons costumes. O bispo então autorizou sua impressão e o mesmo padre Cordeiro, revisando o texto já impresso, afirmava estar o exemplar “conforme o seu original”. Diante de tal declaração, neste mesmo dia, o bispo despachou: “*Visto estar conforme o original, pode correr*”. *A impressão dos exemplares foi feita em 21 dias, estimando-se cerca de uma página por dia*”. [Laura Benseñor Lotufo, 2010 - <http://www.brasiliana.usp.br/node/734>].

Figura 27: A Página referente as Licenças da Relação da Entrada



Isidoro da Fonseca omitiu a necessidade de autorização das autoridades civis portuguesas para impressão do livro.

Brasiliana USP - <http://www.brasiliana.usp.br/node/734>

5. Conclusão

Desde os seus primórdios, os textos escritos na medida em que se são transformados em instrumentos de divulgação de uma cultura, passaram por inovações tecnológicas. A cada etapa, a confecção de livros traz tona novos processos que modificam não só a sua técnica de fabricação, como também as sociedades envolvidas, até se transformarem em instrumentos de administração política, de desenvolvimento econômico, e principalmente de repressão.

Surgem, assim a **importância dos documentos**, seu valor cultural, doutrinário, histórico, e

político. Foi com essa consciência que D. Manuel encomendou a **Leitura Nova** projeto ambicioso que programou (e executou) a cópia de documentos importantes da Chancelaria Régia, de Bulas e Inquirições. É nesse âmbito que surgem a **Academia Real da História Portuguesa** “*para que se começasse a imprimir (luxuosamente) os trabalhos dos historiadores*” [Marquilhas, 1991, p.18,].

“Preparam-se assim, ao fazerem copiar documentos dispersos pelos arquivos de todo o país e ao produzirem obras “puramente laicas de sólida erudição compilativa” o material que viria a ser aproveitado pelos historiadores do Iluminismo” [Marquilhas, 1991, p.18].